

# A FILM BY MIRANDA JULY



# THE FUTURE



RAZOR FILM, GNK PRODUCTIONS AND FILM4 PRESENT IN ASSOCIATION WITH THE MATCH FACTORY AND HAUT ET COURT WITH THE SUPPORT OF MEDIENBOARD BERLIN-BRANDENBURG AND FILMFÖRDERUNGSANSTALT "THE FUTURE"  
HAMISH LINKLATER MIRANDA JULY DAVID WARSHOFESKY ISABELLA ACRES JOE PUTTERLIK DIRECTOR OF PHOTOGRAPHY NIKOLAI VON GRAEVENITZ PRODUCTION DESIGNER ELLIOTT HOSTETTER EDITOR ANDREW BIRD  
MUSIC BY JON BRION CASTING BY JEANNE MCCARTHY, NICOLE ABELLERA COSTUME DESIGNER CHRISTIE WITTENBORN KEY MAKEUP ARTIST SABINE SCHUMANN MUSIC SUPERVISOR MARGARET YEN SOUND MIXER PATRICK VEIGEL  
SOUND DESIGNER RAINER HEESCH RE-RECORDING MIXER LARS GINZEL CO-PRODUCER CHRIS STINSON EXECUTIVE PRODUCER SUE BRUCE-SMITH PRODUCED BY GINA KIVON, ROMAN PAUL, GERHARD MEIXNER WRITTEN AND DIRECTED BY MIRANDA JULY



## SINOPSE

Sophie e Jason são estranhos - tal como todos os casais são estranhos quando estão sozinhos. Vivem num pequeno apartamento em Los Angeles, têm empregos que odeiam e decidiram adoptar um gato de rua chamado Paw Paw. Tal como um recém-nascido, ele precisará de cuidados permanentes – pode morrer dentro de seis meses ou durar mais cinco anos.

Apesar das suas boas intenções, Sophie e Jason estão apavorados com a iminente perda da sua liberdade. Assim, quando falta apenas um mês para o acolherem, eles despedem-se dos seus trabalhos, desligam-se da Internet e decidem prosseguir com os seus sonhos – Sophie quer criar uma coreografia, Jason quer simplesmente ser guiado pelo destino.

Mas à medida que este mês passa, Sophie vai ficando cada vez mais paralisada e, num momento de desespero, telefone a um estranho – Marshall, um antiquado homem de 50 anos. E enquanto permanecer no suburbano mundo de Marshall, Sophie não tem de ser ela mesma: nunca terá de tentar (nem falhar) outra vez.

Separados por duas realidades assustadoramente diferentes, Sophie e Jason terão de reencontrar o seu tempo, o seu espaço e as suas próprias almas para se voltarem a reunir...





## NOTA DA REALIZADORA

Quando era criança, tinha uma pasta chamada “Formas de voltar ao passado/entrar noutros mundos”. Na verdade nunca pus lá nada dentro mas ainda guardo essa pasta bem como o pressentimento de que ainda poderá funcionar. E entretanto, avançar no tempo, minuto a minuto, dia a dia, acabou por se tornar um desafio por si só – não muito distante da “ficção científica”, e em momentos, quase tão impossível quanto ela. Este filme é sobre isso.

Parece-me a mim, uma mulher nos seus 30 anos, que o tempo de repente se tornou no protagonista da minha vida; fiquei espantada com a minha consciência em relação à mortalidade, e ao facto de a vida ser limitada. Creio que isto marca o começo da idade adulta. Ou, se não estivermos preparados para sermos adultos, pode marcar o início de um problema.

O Jason reage a esta situação como um artista o deve fazer; não está a fazer nada, mas a sua decisão de ser levado pelos seus erros e pelas coincidências é o seu processo criativo. Não é que ele não duvide, mas mantêm a sua fé, que o leva a algo novo. Eu quis mostrar o lado da criatividade que é espiritual, até um pouco mística, e mais sobre a sobrevivência do que sobre performance ou produção.

Entretanto, com uma determinação semelhante, a minha personagem, Sophie, tenta criar uma dança para o YouTube – este é o outro lado da criatividade, o desejo inteiramente orientado pelo desejo de atenção. Procuro manter esse desejo de lado e viver a vida como Jason faz.. Isto seria mais fácil dez anos antes quando procurar atenção era ainda vergonhoso, e recebê-la era difícil para a maior parte de nós. A Internet expôs e criou uma consciência mais aguda da nossa necessidade de recebermos reacções. Tens apenas de desligar e depois “bam” – estás numa crise profunda, confrontando um vazio completo sem distrações. Como escritora, eu tenho de marcar a minha posição nesta crise todos os dias. Mas e se não conseguir?

Seria como um filme de terror. Ficaria tão desapontada que literalmente teria de acabar comigo mesma, e depois (como isto é uma fantasia) tomariam conta de mim completamente, como a uma criança. Isto aconteceria numa casa muito limpa nos subúrbios; uma casa com bons lençóis. Mas existem duas grandes falhas nesta fantasia: 1) Eu teria de deixar a minha alma gémea. E 2) ninguém teria tempo para olhar por mim permanentemente. E teria mesmo de ser a toda a hora, porque sei que se tivesse um momento sozinha, o verdadeiro eu iria assombrar-me e seria um pesadelo.

E mesmo se fugires da tua vida, penso que acabarás no mesmo sítio no final. Tens de ser tu próprio, tens de fazer a coreografia, de qualquer forma. É muito mais difícil, e algumas das coisas importantes perdem-se pelo caminho. Por isto esta história é também contada do ponto de vista do que se perdeu – um gato. Paw Paw fala a verdade de forma simples e está completamente exposto, como alguém que acabou de nascer ou alguém muito velho. Ele era a única maneira de eu descrever a vertigem agriçdoce do verdadeiro amor. Que é a coisa que me levou em primeiro lugar a pensar sobre a mortalidade.



## À CONVERSA COM MIRANDA JULY

### **De onde surgiu a ideia para este seu segundo filme?**

Após o meu primeiro filme, não estava interessada em fazer outro de imediato. Acabei de escrever um livro de contos e depois escrevi uma performance chamada “Things We Don’t Understand and Definitely Are Not Going To Talk About”. Como O FUTURO, que evoluiu a partir desse trabalho, esta performance era sobre um “affair”, mas o casal era interpretado por um casal real que escolhi da plateia. Não fiz nenhuma digressão com a performance porque em última análise era muito desgastante fazê-la todas as noites. Tive sorte, mas havia tanta coisa que poderia ter corrido mal. Para além disso, sentia-me pronta para pensar em escrever um argumento outra vez e desejava de contar esta história de uma maneira mais complexa.

A versão final do argumento desenvolveu-se a partir do conceito original. Tornou-se real, como a diferença entre o Pinóquio, a marioneta, e o Pinocchio, o rapaz de verdade. Tudo o que era simbólico tinha de ser plenamente realizado. Mais importante ainda: eu comecei a perceber que o “affair” não estava relacionado com o amor ou a luxúria, mas sim com o seu desejo de fugir da sua própria dimensionalidade, como se fosse possível viver em 2D, ou sem alma. Eu acho que isto é mais ou menos o que a fama parece prometer – serás totalmente iluminado pelos olhares das outras pessoas, e não terás que enfrentar a difícil tarefa de te inflamares de novo.

### **O título provisório do filme era Satisfaction (Satisfação), e no entanto acabou por chamar ao filme O FUTURO. Porque razão achou que este seria um título mais apropriado e de que forma considera que o filme aborda o tema do futuro?**

Eu estava a pensar em “satisfação” de uma forma muito sombria, porque nunca deixamos de querer mais até morrermos. Mas com o passar do tempo a palavra começou a parecer mais superficial e fácil do que aquilo que procurava. Sabia que queria uma palavra familiar e então fiz uma pesquisa na Internet sobre as palavras mais comuns – o passado, o presente e o futuro estavam entre esses resultados. Não há nada mais complicado e cheio de esperança e medos do que o futuro. Pensamos nele mais do que em qualquer outra coisa, e nunca lá chegamos. É sempre algo novo, mas estamos sempre mais velhos quando acontece. E a ideia do futuro num jovem casal é tão inerentemente presente – mas a prática, o envelhecer juntos, é bastante profunda.

### **O que a levou a dar o salto para o surrealismo neste filme? Existiram algumas influências literárias ou artísticas?**

Pode parecer vindo do nada para as pessoas que viram apenas o meu filme anterior, mas “Eu, Tu e Todos os que Conhecemos” é, na verdade, uma das poucas coisas que fiz onde não estão presentes elementos “irreais”. A maior parte dos meus vídeos, contos e performances usa elementos abstractos ou até ligeiramente de ficção científica para transmitir estados emocionais. É como quando contamos uma história verdadeira mas temos que lhe acrescentar um ponto, porque a verdade não transmite a profundidade ou a dimensão daquilo que aconteceu. A maneira como a Sophie se sente atormentada em relação à sua vida passada é



tão lancinante e real para ela que não podia resumir-se a uma expressão facial, precisava de algo real, que se arrastasse na sua direcção, penosamente abandonado e irredutível.

**A Internet e o modo como afecta as relações humanas é um assunto importante em ambos os seus filmes. Como lida com a luta com conexão constante enfrentada por Sophie e Jason em O FUTURO?**

Lembrar-me de que posso existir por completo sem estar *on-line* é um desafio diário. Para mim é interessante porque é completamente novo. Com que frequência surge um desafio diário partilhado por quase todas as pessoas que conhecemos? Mas para um artista que sempre tentou descobrir novas maneiras de alcançar intimidade com o público, também parece ser útil. Parte de mim será sempre a rapariga de vinte anos que tentou criar revoluções através de fanzines e de cassetes VHS, e do serviço postal dos Estados Unidos. Por isso essa rapariga fica bastante deslumbrada pelo facto de poder escrever um “tweet” e receber instantaneamente respostas.

Muita da cultura *on-line* é sobre sermos observados e criar reacções, algo com que as mulheres e raparigas têm uma relação especial. As adolescentes muitas vezes descobrem o seu poder ao serem observadas. E se tiveremo problema habitual de “a mãe ou o pai nunca me perceberam”, muito mais facilmente são apanhadas por esta questão de serem vistas. (Procurem por “eu a dançar no meu quarto” numa pesquisa do YouTube e vão perceber o que estou a falar). Ser observado quase que nos tira de cima o fardo de viver; é quase como se não tivéssemos de existir enquanto estamos ser observados. No filme eu torci esse aspecto da Internet, trazendo-a de volta às suas origens.

Sophie quer fazer um vídeo de dança para o YouTube antes de se tornar responsável – essencialmente esta é a sua última oportunidade de ser vista como uma criança. Então quando ela não o consegue fazer, quando se sente paralisada, instala-se uma verdadeira crise. Ela tem de arranjar uma nova maneira de ser observada, e consegue-o. Mas ela só desiste quando se encontra diante de uma verdadeira criança a precisar de ajuda, e ao desistir permite que se transforme numa adulta, através da dança da T-shirt. Eu sabia de todas estas coisas enquanto estava a escrever? Humm... Não. Mas eu escrevo a partir do inconsciente e estes são muitos dos problemas com que eu me estava a debater após o meu último filme.

**Porque decidiu fazer do gato um catalisador para o pavor da responsabilidade iminente, em vez de, por exemplo, um bebé?**

Um dia, estava a obrigar-me a escrever e não estava a resultar. Senti-me tão incapaz, praticamente quase não humana, muito menos brilhante. Então eu disse para mim mesma “Ok, escreve a partir daí”. O que é para ti ser ‘Incapaz?’” Escrevi um longo, lamentoso monólogo nesta voz hesitante, sem se quer saber quem era. No dia seguinte ocorreu um acidente bizarro quando o nosso cão correu para a rua e provocou um acidente, que levou um carro a bater num gato. A minha produtora, Gina Kwon, estava lá quando isto aconteceu e enquanto colocávamos o gato morto num saco lembro-me de lhe dizer qualquer coisa do

género: Temos de resgatar este gato”. De alguma forma este acontecimento fundiu-se com a voz e transformou-se no *Paw Paw*.

**Como enquadra a realização na sua obra como artista?**

O meu plano é continuar a fazer tudo – escrever livros, criar arte, performances e realizar filmes. Normalmente vou trabalhando em algumas coisas ao mesmo tempo. Isto significa que O FUTURO não é realmente a continuação de “Eu, Tu e Todos os que Conhecemos”, mas sim do meu livro de contos, ou talvez da escultura interactiva que fiz para a Bienal de Yokohama, “The Hallway”, que se debruça sobre o tempo. Claro que eu sei que apenas os fãs mais obstinados seguirão todo este estranho percurso, e por isso a evolução torna-se uma coisa muito pessoal.



## MIRANDA JULY - BIOGRAFIA

Miranda July é uma realizadora, artista e escritora. Os seus vídeos, performances e os seus projectos *web-based* já foram apresentados em espaços como o Museu de Arte Moderna ou o Museu Guggenheim. July escreveu, realizou e protagonizou a sua primeira longa-metragem “Eu, Tu e Todos os que Conhecemos” (2005), vencedora do prémio especial do júri no Festival de Cinema de Sundance e de quatro prémios no Festival de Cinema de Cannes, incluindo o *Caméra d’Or*. Os seus contos já apareceram no *The Paris Review*, *Harper’s* e o *The New Yorker*, e a sua colecção de contos “No One Belongs Here More Than You (Scribner, 2007), venceu o Frank O’Connor International Short Story Award e foi publicado em 20 países. July criou o *website* participativo, *learningtoloveyoumore*, juntamente com o artista Harrell Fletcher; o trabalho faz agora parte da colecção do Museu de Arte Moderna de São Francisco. *Eleven Heavy things*, uma escultura de jardim interactiva que desenhou em 2009 para a Bienal de Veneza, esteve na Union Square, em Nova Iorque, no Verão de 2010. Nascida em Berkeley, California, vive actualmente em Los Angeles. O seu novo filme, *O FUTURO*, estreou-se no Festival de Cinema de Sundance e no de Berlim, onde competiu pelo Urso de Ouro.





## **HAMISH LINKLATER (Jason)**

Popular actor de televisão, teatro e cinema, Linklater integrou os elencos de filmes como “O Quarteto Fantástico” ou “Battleship – Batalha Naval”. Com um percurso vasto no teatro, tendo já contracenado com Al Pacino no “Mercador de Veneza”, Hamish Linklater co-protagonizou a série televisiva “As Novas Aventuras da Velha Christine”, ao lado de Julia Louis-Dreyfus (“Seinfeld”).

## **DAVID WARSHOFSKY (Marshall)**

Warshofsky trabalha como actor no cinema, na televisão, nos palcos (incluindo a Broadway) desde 1989. As suas mais recentes experiências no cinema foram “Imparável”, de Tony Scott, e “Jogo Limpo”, de Doug Liman. Integrou ainda os elencos de “Haverá Sangue”, “Inimigo Públicos”, “Nascido a 4 de Julho” ou “G.I. Jane”.

## **ISABELLA ACRES (Gabriella)**

Descobriu a sua paixão pela representação logo aos 3 anos em pequenas peças escolares. Para além de integrar o elenco da aclamada série “Better off Ted”, Isabella já deu voz a várias personagens, nas séries de animação “Phineas & Ferb”, “Scooby-Doo”, entre outras.

## **JOE PUTTERLIK (Joe, The Moon)**

Nasceu em 1929 e cresceu em Chicago. Ele e a mulher vivem na Califórnia há cerca de 40 anos. A realizadora Miranda July conheceu-o pela primeira vez quando se encontrava a escrever o argumento de O FUTURO e baseou-se nele para criar uma personagem. Putterlik improvisou grande parte dos diálogos e as suas cenas passam-se na sua verdadeira casa, recorrendo a muitos dos seus objectos. Joe faleceu em Novembro de 2010.



## FICHA ARTÍSTICA

Hamish Linklater – Jason

Miranda July – Sophie

David Warshofsky – Marshall

Isabella Acres – Gabriella

Joe Putterlik – Joe, the Moon

## FICHA TÉCNICA

Escrito e realizado por Miranda July

Produzido por Gina Kwon, Roman Paul, Gerhard Meixner

Director de Fotografia Nikolai Von Graevenitz

Director de Arte Elliott Hostetter

Montador Andrew Bird

Música Jon Brion

Casting Jeanne Mccarthy & Nicole Abellera

Guarda Roupa Christie Wittenborn

Maquilhagem Sabine Schumann